

40º Encontro Anual da Anpocs

ST 17 – Mídias, política e eleições

Poder e resistência: as disputas discursivas por identidade no seriado ‘Sexo e as Negas’

Nelson Rosário de Souza  
Virítiana Aparecida de Almeida  
Daniela Rocha Drummond

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

O polêmico programa “Sexo e as Negas”<sup>2</sup>, no que concerne ao gênero televisivo, ocupa um lugar entre o seriado e a comédia de situação ou *sitcom*. Enquanto seriado ele valoriza uma continuidade narrativa procurando ir além das sequências curtas e variadas (ESQUENAZI, 2011), por outro lado, ele se aproxima do *sitcom* ao manter o formato de uma história própria a cada episódio, distanciando-se, assim, da telenovela. Entretanto, “Sexo e as Negas” mantém a tradição dos seriados norte americanos e propõe temas próximos ao cotidiano do seu público, neste critério, se aproxima dos folhetins brasileiros. É preciso informar ainda, nesta caracterização inicial, que a produção em tela se enquadra melhor como minissérie. O programa foi produzido pela Rede Globo de Televisão e exibido entre 16 de setembro e 16 de dezembro de 2014 às terças-feiras após as 23 horas. Foram 13 episódios de 35 minutos cada, numa única temporada, com média geral de audiência de 13,5 pontos; um bom índice para o horário. Foi idealizado por Miguel Falabella que escreveu o roteiro com ajuda de outros colaboradores.

Falabella já escreveu outras obras para televisão. Um traço presente no seu trabalho é a ambientação popular e a tentativa de produzir diversão a partir de situações que envolvem as práticas culturais das classes menos favorecidas. Outras obras, como o *sitcom* ‘Sai de Baixo’, onde ele foi ator e um dos roteiristas, também geraram críticas, apesar do sucesso. O principal problema, neste caso, se referia à sua dificuldade em perceber a diferença entre rir ‘com os pobres’ e rir ‘dos pobres’. Ao errar a mão nas piadas e bordões eram recorrentes cenas de preconceito contra os pobres e sua cultura.

A inspiração para ‘Sexo e as Negas’ veio do seriado norte-americano ‘Sex and the City’, aparentemente, a ideia foi realizar uma espécie de paródia deste programa ambientado em Nova York e que tematizava com bom humor a vida afetiva e os

---

<sup>1</sup> Sobre os autores: Nelson Rosário de Souza é professor doutor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), atua nos programas de pós-graduação em Ciência Política e Sociologia da UFPR e no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFPR). Virítiana Aparecida Almeida é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR e atua no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UFPR). Daniela Rocha Drummond é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR. Os autores participam do Grupo de Pesquisa ‘Midiaculturas’ (UFPR).

<sup>2</sup> Esse trabalho vem sendo realizado no âmbito do Grupo de Pesquisa Midiaculturas (Departamento de Ciência Política – UFPR). A dimensão teórica deste paper foi desenvolvida pelo autor como requisito parcial do Estágio Pós-doutoral realizado na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris III, com financiamento da CAPES.

problemas associados ao exercício da sexualidade autônoma de quatro mulheres brancas de classe média.

O seriado brasileiro teve como sua principal locação um bairro popular do Rio de Janeiro, o objetivo foi retratar a intimidade e o cotidiano de quatro mulheres afrodescendentes<sup>3</sup>. Mesmo antes da estreia o programa gerou polêmica na imprensa e, especialmente, nas redes sociais, fenômeno que se inscreve na longa trajetória de controvérsias sobre a representação de negras e negros na televisão brasileira. Diante das críticas o autor participou de entrevistas, dentro e fora da Rede Globo, procurando rebater as acusações de que o programa reproduzia o estereótipo da ‘mulata’ sensual a serviço dos prazeres do homem branco e, portanto, tinha conteúdo racista. Por fim, frente às reações negativas, Miguel Falabella decidiu não escrever uma segunda temporada da série, decretando seu fim precoce.

O presente trabalho propõe olhar o seriado não a partir de seus supostos atributos essenciais, tipo reproduzir preconceitos e estereótipos com efeitos alienantes, mas, entendendo-o como um dispositivo construído na interação com a sociedade e suas relações de força. Como produto midiático a série oferece uma boa oportunidade para observação das disputas discursivas, especialmente em torno da questão racial.

As questões que orientam a análise são as seguintes: O que o seriado indica sobre as interações entre mídia e sociedade? Quais disputas discursivas encontramos no conteúdo da série e nas controvérsias que ela engendra? Como o conteúdo do seriado ‘Sexo e as Negas’ se relaciona com a atualidade do conflito racial no Brasil?

Os objetivos da investigação são: analisar o conteúdo do programa ‘Sexo e as Negas’ procurando identificar traços de reprodução e inovação das linhas discursivas a respeito da questão racial e da sexualidade de mulheres negras; analisar as tensões que envolvem a representação midiática das mulheres negras; verificar os conteúdos das disputas discursivas nas redes sociais a propósito do seriado. Nossa hipótese é de que não houve uma evolução no tratamento dispensado pela televisão brasileira à temática da mulher negra, mas um rearranjo das linhas discursivas estratégicas.

---

<sup>3</sup> Entendemos que sob o ponto de vista político e estratégico as quatro protagonistas devem ser vistas como negras, entretanto, usaremos também as classificações preta e parda, categorias usadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Fizemos esta opção considerando as características das relações raciais e do racismo no Brasil, que, entre outros procedimentos, costuma hierarquizar os negros conforme as diferenças no tom da pele.

O trabalho está dividido em cinco partes. Primeiro apresentaremos o estágio atual do debate sobre a representação midiática dos afrodescendentes. Na segunda parte apresentaremos o referencial da ‘miaculturas’ por nós mobilizado. Um breve relato das linhas discursivas que marcam as disputas em torno da questão racial no Brasil é feito na terceira parte. Na penúltima parte procedemos à observação quantitativa dos conteúdos do seriado e na última seção analisamos qualitativamente as disputas discursivas e controvérsias em torno da série.

## 1. O SERIADO ‘SEXO E AS NEGAS’: POLÊMICAS E HERANÇA MIDIÁTICA.

Um primeiro olhar sobre o conflito revela a tendência de polarização, de um lado posicionam-se os que acusam o programa de racista, de outro, aqueles que discordam desta percepção. Como nos exemplos abaixo:

Venho por este email manifestar meu repúdio a série ‘Sexo e as Nega’. Infelizmente, esta série associa a mulher negra ao sexo e a pobreza. A própria concepção da série já reforça estereótipos porque prega um modelo americano ("Sex in the City") onde as mulheres são brancas e bem sucedidas e transporta para uma favela e coloca apenas mulheres pobres e negras. Eu fiquei estarrecida com o episódio de ontem. As falas da série colocam a liberdade sexual de uma das personagens (Zulma) ligada a mulher negra. Isso resultou em uma conceito errôneo de liberdade sexual. A concepção soa a libertinagem. A liberdade sexual da mulher não tem cor. Eu espero que a SEPPIR<sup>4</sup> faça algo a respeito porque é inadmissível uma grande rede de tv possa veicular informações que reforce o RACISMO presente na nossa sociedade e tão duro de acabar. (MLB, mulher, branca, comentário ao facebook na página “Boicote Nacional ao programa ‘Sexo e as Negas’ da Rede Globo” em 18/9/2014).

To bobo com isso ... sei bem da luta dos atores negros no mercado de trabalho brasileiro. Até 10 anos atrás (que diga Ruth de Souza) papel para negros na TV era ser escravo ou empregado doméstico, e ponto final. Agora quando criam 4 personagens mulheres negras DONAS DA PRÓPRIA SEXUALIDADE E DO PRÓPRIO CORPO, que se gostam e celebram sua etnicidade tanto na cor de sua pele quanto nos cabelos soltos e crespos, assumidíssimos, vocês resolvem achar pêlo em ovo com requintes de crueldade ...”. (FSB, homem, sem identificação étnica, comentário feito ao blog oneirophanta.org em 18/9/2014 – destaque no original).

A dicotomia marca as posições não só nos comentários promovidos pela audiência nas redes sociais. Jornalistas, colunistas e intelectuais também se dividiram ao analisar os efeitos da série. Acreditamos que o programa e a mobilização que ele gerou abrem a oportunidade para uma reflexão que vá além da polarização entre ‘racismo’ e

---

<sup>4</sup> Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, ligada à Presidência da República.

‘antirracismo’. Não se trata de desqualificar este debate, mas, partindo de outro referencial a respeito do significado político da mídia parece ser possível avançar outras explicações e encontrar outros sentidos para o fenômeno ‘Sexo e as Negas’.

No campo acadêmico a análise sobre a polêmica representação dos afrodescendentes pela televisão brasileira tem uma tradição, nela, Muniz Sodré (1999) e Joel Zito Araújo (2000 e 2000) são importantes referências. Suas obras sintetizam um quadro interpretativo cuja principal característica é denunciar a representação estereotipada de negros e negras na televisão e, particularmente, no principal gênero televisivo brasileiro, a telenovela. Mas, suas contribuições vão além, pois, eles articulam esta reflexão ao debate histórico sobre a questão racial no Brasil. A ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial são mobilizados por Muniz e Joel Zito como chaves explicativas das limitações da televisão brasileira. Nossa herança escravocrata não foi totalmente superada, pois, não foi substituída por uma sociedade igualitária fundada no direito, muito ao contrário, o cenário pós-abolição carrega a marca das hierarquias, desigualdades sociais e, principalmente, raciais. Esse contexto, somado às tentativas de escamotear a questão ajudariam a explicar as contradições de um gênero que luta pela popularidade reivindicando espelhar o cotidiano da sociedade brasileira, mas, aos olhos de Araújo, parece se contentar com uma narrativa que, em grande medida, reproduz as injustiças sociais e políticas. O cenário está marcado por atores negros ocupando pouco espaço e em papéis menores, assistindo histórias do seu sofrimento sendo contadas da perspectiva dos senhores de engenho ou de abolicionistas brancos, vendo seus textos diminuírem a cada capítulo ou, o que é pior, experimentando o drama passar do folhetim para suas vidas pessoais ao caírem no ostracismo. Tal percepção é confirmada, também, por estudos recentes, como o realizado pelo GEMAA<sup>5</sup> (CAMPOS & al., S/D) que, a partir de extenso banco de dados sobre as novelas produzidas pela Rede Globo entre 1995 e 2014, constata a sub-representação dos negros que figuram em apenas 10% dos personagens centrais. Quando o critério é o protagonismo, os números são mais contundentes, mulheres não brancas aparecem com 4% e homens não brancos com 1% nesta situação.

Não se trata, entretanto, de uma história linear. Ao olharmos a trajetória da representação afrodescendente nas novelas brasileiras não vemos nem uma evolução,

---

<sup>5</sup> Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas – IESP (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) e UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

tampouco uma estagnação. Ao que parece é uma história marcada por avanços, experimentações, descompassos, recuos e rearranjos. Em 1985, por exemplo, a novela ‘Sinhá Moça’ escapa ao tom festivo e conciliador ao tratar da abolição da escravatura. O folhetim mostra o papel ativo dos negros na sua libertação e desenha um cenário crítico para os afrodescendentes pós-abolição (ARAÚJO, 2000). Outro ponto interessante é que: se as tentativas de representação de romances entre negros e brancos nas telenovelas, presentes de forma pontual entre as décadas de 60 e 90 do século passado, podem ser lidas como resgate da tese da democracia racial ou do branqueamento, o fato é que as resistências e até hostilidades racistas, por uma parcela do público, a estas encenações parecem indicar que a dramaturgia propôs experimentações que explicitaram as contradições latentes da esfera pública quanto a esta herança mal resolvida.

É interessante notar que a organização e a mobilização das associações pela causa afrodescendente gerou a primeira reação social antirracista a uma cena em telenovela. O drama foi encenado na novela ‘Pátria Minha’ de 1994, escrita por Gilberto Braga para a Rede Globo. Tratava-se de uma cena de racismo explícito de um personagem da elite empresarial, branco, que encarnava a maldade associada ao poder econômico, contra um jovem empregado doméstico negro, pobre e frágil. A contestação do movimento negro não foi à cena em si, uma vez que ela explicitava o racismo, em geral, ocultado na televisão, mas, à reação ou falta dela por parte do personagem negro humilhado. Depois do enfrentamento inicial e a resistência frente às contestações, a emissora cedeu e aceitou levar ao ar uma cena onde a mãe do jovem fazia um discurso antirracista levantando a autoestima do rapaz (ARAÚJO, 2000). Ainda que a cena tenha mantido o enquadramento individualista e maniqueísta, o racismo continuou sendo apresentado como problema individual e como arma mobilizada por pessoas más, acreditamos que o episódio, ainda que pontual, referenda a tese de Mauro Porto (2012), segundo a qual, a mídia é, em algum grau, responsiva às mobilizações da sociedade na esfera pública. Ou, noutros termos, é pertinente olhar o dispositivo midiático menos como uma instituição acabada operando dentro de um sistema com funções pré-determinadas e mais como construção interativa num intenso jogo com a sociedade e seus agentes.

O paradigma que aponta a invisibilidade, o estereótipo e o estigma como procedimentos padrões da mídia ao representar mulheres e homens afrodescendentes é interessante por revelar permanências, enfim, estabilidades; como o fazem, por exemplo: Rosane da Silva Borges (2012); Kátia Regina Rebello da Costa (2012); Rogério Ferro

(2012); Ana Alakija (2012). Entretanto esta perspectiva tem dificuldades em apreender as transformações e contradições, talvez, pelo justificado cuidado de não embarcar em evolucionismos ingênuos. É comum nesta perspectiva reconhecer alguma mudança na mídia, mas, circunscrevê-las a situações de exceção que confirmam a regra. Nas palavras de Rosane Borges:

... a despeito de alguma mudança a respeito da imagem do negro, existe uma matriz que se replica, um padrão que define o lugar do negro no sistema de representação. Partimos do entendimento de que os estigmas se repetem, não em termos de conteúdo, mas, de articulação. Embora não sejam invariáveis (enquanto formas constituídas na sociedade), os estigmas são invariantes (enquanto estruturas constituintes da sociedade) (BORGES, 2012, p. 188).

E mais adiante:

Os estereótipos em torno do negro e da mulher negra não seguem uma trajetória linear (do negativo para o positivo, como algumas análises insistem em sublinhar), mas, se movimentam sobre uma estrutura cíclica, em que os discursos fundadores do Outro ainda são o grande manancial para tipificação dos personagens negros e dos assuntos relacionados à África e ao Brasil negro (BORGES, 2012, p. 198).

O problema desta abordagem estrutural, sem desconsiderar suas contribuições, é, paradoxalmente, minimizar o papel dos contra-públicos e suas organizações. Os atores sociais aparecem, fatalmente, como presas fáceis, passivas, diante das estruturas que insistem em repetir os padrões da dominação. Reiterando o paradigma dos ‘efeitos’ a capacidade de agência dos sujeitos fica bastante enfraquecida. Mesmo quando se adota a perspectiva dos Estudos Culturais, atualizada pelos Estudos de Recepção Latino Americanos, o paradigma dos ‘efeitos’ teimosamente se mantém, como no caso de Sátira Pereira Machado que, após mencionar a capacidade de resistência e ressignificação por parte dos receptores, abandona a perspectiva da interação e retoma a ênfase no vetor midiático sobre os indivíduos que assumem “posições distintas na assimilação das mensagens emitidas” (MACHADO, 2012, p. 220).

O próprio histórico da relação entre mídia e sociedade, no caso dos afrodescendentes, revela um jogo interativo marcado pela relativa permeabilidade e responsividade da televisão às pressões advindas de receptores individuais e/ou movimentos sociais. É notório, também, que a emergência da cultura de massa, especialmente na televisão, se deu com um viés feminino e contribuiu para a expansão do universo da mulher na esfera pública. Analisar a mídia, portanto, favorece a reflexão sobre o cotidiano e a constituição das subjetividades (HAMBURGUER, 2007). Abordagens como essa apontam para a riqueza e complexidade da relação entre mídia,

poder e sociedade. É com esta hipótese que iremos olhar o seriado “Sexo e as Negas” e as controvérsias que ele gerou. Ou seja, não como um produto com função pré-determinada por um sistema midiático essencializado, mas, como construção interativa dentro de um dispositivo midiático propenso a estabilizar discursos, práticas e identidades, mas, que só pode propor tal empreendimento apropriando-se das críticas e resistências, portanto, abrindo brechas para as instabilidades e inconformismos dos contra-públicos e suas resistências identitárias. É importante frisar, que o polo criativo nesta relação que envolve poder e resistência está nos públicos, nos sujeitos e não nos dispositivos, nas instituições, que, a rigor, reage.

## 2. O REFERENCIAL DA ‘MIDIACULTURAS’.

Jogo interativo e não dicotômico é o que marca a relação de poder entre as mídias e a sociedade segundo o ponto de vista da ‘midiaculturas’, aqui adotado<sup>6</sup>. A perspectiva ‘midiaculturas’ é recente e tem seu epicentro na França, é possível destacar alguns dos seus adeptos mais conhecidos: Éric Maigret, Éric Macé, Hervé Glevarec e Marie-Hélène Bourcier. As fontes de inspiração deste referencial são três: os Estudos Culturais ingleses, a Sociologia construtivista e a concepção de esfera pública polifônica. Seu objetivo, na contramão da teoria crítica e do consumo cultural, é valorizar a capacidade reflexiva dos públicos em suas práticas cotidianas interativas. A partir deste ponto de vista, a sociedade está habitada por uma pluralidade de agentes em disputa. Os conflitos são, em grande medida, discursivos e por identidades. Mas, não se deve entender o discurso, ou a representação, como efeito imaterial de uma realidade concreta, prévia e que a determina. Como afirmava Edgar Morin (2011), parece mais correto pensar que a realidade é feita de duas dimensões, uma virtual e outra atual. As nossas interações cotidianas, ou seja, a fatia atual do real, só pode se realizar mobilizando o estoque de referências culturais, discursivas, enfim, de representações disponíveis em cada cultura; a parcela virtual do real. Portanto, é pertinente entender as representações e, dentro delas, os discursos, como práticas que operam nas interações cotidianas e que são, por elas, desafiadas.

Trata-se de um jogo tenso que envolve, por um lado, a reprodução dos quadros interpretativos do mundo e seu poder de estabilizar as relações e, por outro, os desafios e

---

<sup>6</sup> Para uma análise detalhada do referencial ‘midiaculturas’ consultar (SOUZA, 2016).



resistências que apontam para as transformações da sociedade. A partir desta perspectiva, o paradigma dos efeitos e da dominação ideológica pré-determinada é pouco explicativo, pois, essencializa as instituições midiáticas. Trata-se de entender os produtos midiáticos a partir do jogo social interativo que os constroem, como ‘nós’ na rede de ações que abarcam: sujeitos, identidades plurais, movimentos sociais e culturais. A metáfora dos ‘nós’ é elucidativa, pois, os artefatos midiáticos condensam as relações sociais conflituosas (MACÉ, 2006). Respeitando o princípio interativo, é importante reconhecer a capacidade reflexiva dos atores e suas competências na elaboração de sentido, a partir de suas inserções sociais, ao se confrontarem com as objetivações midiáticas.

Não se trata de subestimar o poder, mas, de apreendê-lo como relação entre públicos e contra-públicos em conflito pela instauração de hegemonia o que já implica contra-hegemonias. Partilhamos a visão de pensadores como Fábio Wanderley Reis (2002) que alerta sobre a necessidade de valorizarmos as relações de poder cotidianas, as interações estratégicas horizontais, entre pessoas pertencentes a diferentes grupos identitários. Neste sentido, nosso olhar recairá sobre as disputas discursivas que procuram demarcar o ‘nós’ e os ‘outros’, enfim, sobre as controvérsias marcadas, hipoteticamente, pelas tentativas de imposição de regimes de verdade, mas, também por resistências. Lembrando que estas relações de força que perpassam o dispositivo midiático são ambíguas, tensas e contraditórias. Entre outros motivos, porque a mídia, em busca da audiência, opera a reprodução das suas fórmulas, mas, também a inovação (MORIN, 2011); ela procura estar atenta às forças que operam na sociedade, ela almeja tudo representar. Estamos diante de um jogo que também implica tentativas de absorção e resignificação das resistências, no sentido de transformar tensões em estabilidades. Pensar nestes termos não referenda a tese da vitória, pré-determinada e eterna, de um sujeito de poder. Pois, a absorção é já o efeito de uma resistência que surpreende e impõe: rearranjos, mudanças estratégicas, alteração das posições no tabuleiro, portanto, reconfiguração das relações de força sem um plano racional elaborado por um sujeito ou instituição.

Os procedimentos de poder e resistência produzem provas cotidianas, também sob a forma de conflitos discursivos. Portanto, o mundo da comunicação mediada tem papel importante neste jogo que implica disputas por reconhecimento, por identidades de resistência frente a tentativas de absorção, resignificação e naturalização. Neste sentido a mídia é mais um dispositivo do que um sistema, um dispositivo que engendra ordens

discursivas plausíveis, proposições, justificativas que buscam ancorar as ações dos sujeitos rumo às estabilidades, mas, que para fazê-lo precisa, paradoxalmente, iluminar as vozes dissonantes.

Como já mencionado o referencial da ‘miaculturas’ questiona o conceito de representação no seu uso tradicional, ou seja, como epifenômeno determinado por uma base material que tende a ser ocultada. A representação passa a ser vista como dimensão prática, não se deve tomar o saber como algo inferior diante de uma realidade que lhe seria externa. Melhor pensar que práticas de saber e práticas de poder, como procedimentos ligados que se reforçam mutuamente compondo configurações estratégicas. Neste sentido é interessante usar o recurso metodológico da análise de conteúdo discursivo da série, mas, não para encontrar dissimulações e ocultações, como se faz tradicionalmente, e sim para observar como configurações discursivas se constituem buscando uma coerência estratégica, como elas operam no interior de um dispositivo reafirmando regimes discursivos hegemônicos, mas, também tentando absorver resistências. Vamos observar os sujeitos nas suas controvérsias por identidade nas redes sociais, motivados pelos conteúdos do seriado.

Antes de adentrarmos na análise dos dados é importante revisitar nossa herança a respeito da questão racial e o faremos tratando-a como disputa discursiva. Tendo em vista os limites deste trabalho, a análise deste tema será bastante resumida e buscará identificar as principais linhas discursivas em disputa.

### 3. NOSSA HERANÇA DISCURSIVA RACIAL.

No Brasil o debate sobre a questão racial se confunde com a preocupação sobre a formação do e a vocação da nação. A primeira linha de argumentação refere-se à mestiçagem biológica e cultural. O princípio que rege este discurso é o do relacionamento sexual inter-racial, ou seja, à de miscigenação entre escravas africanas e colonizadores portugueses ou outros europeus. A relação entre mulheres negras e homens brancos pobres, tais como: italianos, poloneses e alemães, segundo o argumento, resultaria em descendentes mestiços. Por outro lado, o argumento da mestiçagem cultural revela o processo de sincretismo cultural entre costumes diferentes, bem como a convivência harmônica entre indivíduos de etnias diferentes na mesma fronteira política (GUIMARÃES, 2001). Tais linhas discursivas foram construídas e fomentadas no contexto das disputas do século XIX servindo à hegemonia branca (MUNANGA, 2008),

mas, é possível afirmar, que retornam e são ressignificadas à medida que os conflitos se reorganizam.

Associado ao discurso da miscigenação está o princípio do branqueamento da população negra, uma vez que, as populações de cor eram consideradas pelo discurso científico como inferiores: moral, social e geneticamente. O argumento em tela foi criticado por outra linha discursiva condensada por Gilberto Freyre (2006) que defendeu a hipótese de que as diferenças sociais deveriam ser explicadas pelo ângulo da cultura e não pela raça (TRINDADE, 2014).

Partindo do viés culturalista, Gilberto Freyre (2006) desconstrói o discurso racista que imputava inferioridade atávica dos negros. Ele exalta a figura do mestiço, e “supõe uma hierarquia, não mais racial, mas cultural, vale dizer, tendo como parâmetro a maior ou menor complexidade cultural ou grau de cultura” (TRINDADE, 2014, p. 19). Freyre valoriza o sistema patriarcal brasileiro e contribui com a difusão do mito nacional de harmonia e equilíbrio social que, em tese, ocorreria no Brasil devido a prática da miscigenação. Mesmo com a ascensão do capitalismo, observa-se a recorrência de linhas argumentativas que sustentam políticas de conciliação entre “Casa Grande (senhores de engenho) e Senzala (escravos)”, (TRINDADE, 2014). A linha discursiva que mobiliza os conceitos de: harmonia, equilíbrio, sincretismo cultural e miscigenação; ficou conhecida como ‘democracia racial’.

Florestan Fernandes (1978) se contrapôs ao discurso da democracia racial denunciando o seu viés preconceituoso. O autor expôs as resistências, abertas ou dissimuladas, à admissão do negro em pé de igualdade com os brancos na sociedade brasileira. O que foi corroborado pelos estudos de Oracy Nogueira (1975) que acrescentou um novo argumento: o racismo no Brasil é de marca, ou seja, fundamentado no fenótipo e não de origem, isto é, baseado na consanguinidade, tal como ocorre nos Estados Unidos da América. Discursos que foram apropriados pelo Movimento Negro Unificado (MNU) na década de 1970 (RIOS, 2007). A partir de então, o MNU chama de mito a ideologia de democracia racial (TRINDADE, 2014). Abdias do Nascimento, ao denunciar o racismo, associou o *slogan*: ‘branca para casar, preta para trabalhar e parda para fornicar’ (MUNANGA, 2008) ao discurso da miscigenação. É importante sublinhar que o componente da sexualidade esteve, desde sempre, fortemente associado à disputas discursivas envolvendo identidade racial no Brasil.

O MNU tece, a partir de então, uma linha discursiva em defesa da identidade negra e a favor de políticas compensatórias, tais como: as ações afirmativas (AA), mas, especificadamente para pretos, uma vez que os dados revelariam, segundo o MNU, que, apesar da política da miscigenação, ainda era muito baixo o número de pretos nos altos postos de trabalho. O que provocou reação de diversos setores da sociedade. Manifestos contrários e favoráveis à política de cotas foram entregues ao Congresso Nacional em 2006 e 2008. O apoio de organizações internacionais, como a ONU, o respaldo de eventos como a “III conferencia mundial de combate ao racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata” ocorrida em 2001, na cidade de Durban, na África do Sul, assim como a assinatura de acordos internacionais pelo governo brasileiro, fortaleceram as demandas do MNU.

Universidades públicas brasileiras aderiram de forma autônoma às cotas raciais e sociais. O que levou o Partido Democratas (DEM) a questionar, no Supremo Tribunal Federal (STF), a constitucionalidade das AA.

É interessante destacar os argumentos mobilizados na audiência pública (AP) promovida pelo STF em março de 2010 (ALMEIDA, 2015). Uma das linhas discursivas predominantes foi a democracia racial, mas, com ressignificações importantes. Os opositores às AA defenderam que a democracia racial não deveria ser entendida como um mito, ou uma mentira, mas como “um ideal a ser perseguido”, como sentenciou Roberta Fragoso (NOTAS TAQUIGRÁFICAS, 2014). Ou seja, ao invés de implementar AA, o ideal da democracia racial deveria ser valorizado até que se tornasse realidade.

No discurso dos grupos favoráveis às AA, como na fala de Sueli Carneiro, a ideologia da democracia racial “é herdeira direta, ou melhor, continuação da escravatura” (NOTAS TAQUIGRÁFICAS, 2014) e serviria à manutenção das desigualdades. A literatura contemporânea também critica os argumentos que sugerem a existência de harmonia racial, muito ao contrário, é enfatizada a sub-representação dos negros (STRIEDER, 2001). Esta linha argumentativa considera que as desigualdades são sociais, mas, também raciais, portanto, medidas corretivas passam pelas AA e pelo reconhecimento da identidade negra.

O ministro do STF, Gilmar Mendes, manifestou a preocupação de que o Brasil estaria abandonando o discurso da democracia racial e caminhando para a incorporação do princípio de uma nação bicolor. Entretanto, o argumento do ministro relator da ADPF, Ricardo Lewandowski, foi de que o Brasil, ao contrário de promover a divisão racial,

caminharia rumo à valorização da diversidade cultural, racial e social brasileira ao adotar políticas de AA.

Para completar este breve quadro das principais linhas argumentativas a respeito da questão racial, merece destaque a forma como alguns argumentos aparecem na fala de dois personagens. Um deles é Ali Kamel, sociólogo e Diretor Geral de Jornalismo e Esportes da TV Globo. Ele se apropria do argumento genético, segundo o qual não existem diferenças entre as raças. Seu discurso, contrário às cotas raciais, desqualifica o diagnóstico de racismo no Brasil e localiza o problema na desigualdade social; um ‘classismo’ e não o racismo seria a dificuldade a ser enfrentada (KAMEL, 2006). A linha discursiva freyriana é retomada quando ele elege a miscigenação como um patrimônio inestimável; o risco de não preservá-lo seria a criação de uma nação bicolor ou de divisão racial. Kamel também argumenta que a incorporação de pardos à categoria ‘negros’ apagaria a realidade da miscigenação e reforçaria a perigosa tendência à divisão racial.

Outra linha de argumentação que merece destaque nesta disputa discursiva é a veiculada pelo sociólogo Jessé Souza. Ele argumenta que, sendo a maior parte da população pobre formada por negros, uma política redistributiva cumpriria o papel de reduzir o preconceito sem ferir os princípios da igualdade de direitos e da meritocracia do desempenho (SOUZA, 2005). A desigualdade brasileira seria sociocultural e teria provocado a aquisição de *habitus* precários não só por parte de negros, mas, também de brancos pobres. Essa parcela da população não teria adquirido os princípios associados à competitividade, portanto, a discriminação fundamental sofrida pelos negros não seria pela cor da pele, mas, pela inadaptação aos valores meritocráticos modernos.

Em termos gerais essas são as linhas de força argumentativas presentes no cenário brasileiro a respeito da questão racial. Tendo em vista estas disputas discursivas iremos observar os conteúdos do seriado e do debate que ele suscita. Convém acrescentar que o seriado foi produzido num contexto de significativa mobilidade social ascendente das camadas mais pobres da população e, entre elas, de pessoas negras. Junto com este fenômeno novas situações e polêmicas vieram à tona, muitas delas associadas ao preconceito social e racial. Passou a ser comum, no noticiário da mídia e nas redes sociais, situações de conflito em shoppings pela presença de grupos de jovens pobres e negros; assim, como relatos de discriminação em aeroportos e denúncias de racismo em ambientes considerados de classe média ou alta. Nosso referencial sugere, a título hipotético, que a mídia é um dispositivo que procura estar atento a estas transformações

socioculturais, pois, lida com modelos cristalizados de comportamento, mas, também com surpresas e inovações, ou seja, precisa usar como material, elementos do cotidiano dinâmico, tem a pretensão de tudo representar e sempre se antecipar.

#### 4. O SERIADO ‘SEXO E AS NEGAS’ EM NÚMEROS.

Nesta seção iremos analisar de modo quantitativo o seriado. Para tanto, o conteúdo dos 13 programas que compõe a série foi dividido em 457 segmentos segundo o critério de mudança de assunto e/ou de cena. Para cada segmento foi aplicada uma planilha dividida em categorias analíticas que procuram identificar conteúdos, tais como: sexo e cor dos protagonistas e interlocutores na cena, temas principal e secundário tratados no segmento, viés dado ao tema, existência de conflito ou não no segmento e quem levou vantagem no conflito, também segundo sexo e cor dos envolvidos. O objetivo é verificar o que os números dizem sobre a série e depois cruzar estas informações com a análise qualitativa dos conteúdos discursivos para uma melhor apreensão do conjunto da obra. Os dados foram rodados no software estatístico SPSS que gerou as frequências e correlações.

A tabela 1 nos informa sobre a frequência de protagonismo dos personagens, conforme a cor e o sexo. Foi considerado protagonista o personagem que dominou o segmento ao propor o tema e/ou impor sua vontade ou viés na conversação.

Tabela 1 – Protagonista (sexo e cor)

PROTAGONISTA <sup>7</sup>		
Personagem	Frequência	Porcentagem
Mulher preta	103	22,5
Homem preto	41	9,0
Mulher branca	150	32,8
Homem branco	52	11,4
Mulher parda	111	24,3
Total	457	100

Fonte: Grupo de pesquisa ‘Midiaculturas’ - UFPR

Mulheres negras, ou seja, considerada a soma de pretas e pardas, tiveram o protagonismo na maior parte das cenas, 46,8% dos casos. Entretanto, se obedecermos à divisão entre pardas e pretas, o maior protagonismo passa a ser das brancas com a frequência de 32,8%. Deve-se registrar que a mulher parda levou uma ligeira vantagem neste quesito em relação à mulher preta. Olhando para divisão entre negros e brancos a situação não muda muito, o primeiro grupo ficou com 55,8% do protagonismo nas cenas,

<sup>7</sup> Não apareceram homens pardos na situação de protagonistas. Em casos como este a categoria ficará ausente nas tabelas.

contra 44,2% do segundo. Tendo em vista a herança midiática negativa na representação dos negros e, em especial, das mulheres negras, conforme estudada pela literatura e apresentada na primeira seção deste trabalho, não deixa de ser significativa a presença das personagens, pretas e pardas, no seriado. A situação de fala das mulheres negras está dada, resta verificar o conteúdo dos discursos proferidos. Contudo, ainda é possível verificar uma relativa divisão de espaço com as mulheres brancas, mesmo numa obra que inscreveu no seu cartão de visita a promessa de representar a autonomia sexual e comportamental de quatro mulheres negras. O seriado foi concebido num contexto nacional de ascensão social das classes populares e dos negros. O que significou maior presença destes grupos em diferentes cenários antes bastante restritos. Sendo assim, o programa em tela parece responder, em algum grau, a esta situação. Em termos numéricos o seriado confere significativo protagonismo aos negros e, em especial, à mulher negra considerando o histórico desta representação. Não deve passar despercebido o fato de que na divisão por sexo o protagonismo feminino é brutal, chega perto de 80% enquanto os homens ocupam esta situação em aproximadamente 20% dos segmentos, apenas. Por fim, no nosso modo de entender, a presença do grupo pardas em 24,3% das cenas, número ligeiramente superior ao das mulheres pretas, não é significativo em si, mas, poderá tornar-se interessante à luz de conteúdos qualitativos mais adiante.

Vejamos, com auxílio da tabela 2 (abaixo), o que dizem os números a respeito da interação entre protagonistas e interlocutores, considerando o sexo e a cor dos personagens. Em primeiro lugar deve-se atentar de que o lugar de interlocutor foi ocupado preferencialmente por mulheres brancas (23,9%); depois apareceram os homens pretos (21,27%) e, na sequência descendente, homens brancos (15,1%) seguidos de mulheres pardas (12,5%) e mulheres pretas (8,77%). Os homens pardos que não apareceram como protagonistas, quase não foram representados como interlocutores. Percebe-se que as mulheres negras têm importante presença como protagonistas, mas, aparecem menos que outros grupos como interlocutoras. Os números em destaque na tabela indicam os maiores índices de interação. O par mais frequente foi o de mulher branca na situação de protagonista interagindo com outra mulher branca como sua interlocutora. Logo a seguir aparece o de mulher branca protagonizando cenas com homens pretos e, só então, aparecem mulheres pardas sendo protagonistas diante de homens brancos, esse par está praticamente empatado com a dupla mulheres pretas e

homens pretos, com a diferença de apenas um segmento. Depreende-se que mulheres brancas agiram mais entre si e com homens pretos. Entretanto, se repetirmos o procedimento de reunir os índices das pretas e pardas, podemos verificar que o protagonismo superior das mulheres negras, já mencionado anteriormente, se efetiva com a interlocução preferencial com homens brancos seguidos de homens pretos, com a diferença de apenas 4 segmentos.

Tabela 2 – Protagonista x Interlocutor (sexo e cor)

Protagonista	Interlocutor								Total
	Nenhu m	mulher preta	homem preto	mulher branca	homem branco	mulher parda	homem pardo	outros	
mulher preta	3	3	<b>36</b>	17	18	22	2	2	103
homem preto	16	5	2	13	2	3	0	0	41
mulher branca	18	14	<b>42</b>	<b>51</b>	10	11	1	3	150
homem branco	30	4	2	8	2	6	0	0	52
mulher parda	9	14	15	20	<b>37</b>	15	0	0	110
Total	76	40	97	109	69	57	3	5	456

Fonte: Grupo de pesquisa ‘Midiaculturas’ - UFPR

Em resumo, alguns achados da tabela 1 se repetem nos índices da segunda tabela. Considerando as categorias separadas, as mulheres brancas aparecem em mais segmentos interagindo entre si, mas, ao agregarmos as categorias, as mulheres negras saltam a frente e interagem mais tendo homens brancos e pretos como principais interlocutores.

A respeito dos temas que tiveram maior frequência, a ‘questão racial’ aparece apenas em sexto lugar com 5,7%. O destaque vai para o assunto ‘afetividade’ com 35%, seguido de temas ‘culturais’ com 12,5% e ‘sexualidade’ com 10,5%. O padrão do seriado enquanto gênero de entretenimento associado à narrativa da vida privada e cotidiana se confirma, pois, afetividade e sexualidade respondem como tema principal de quase metade de todos os segmentos (45,5%). De todo modo, é significativo que este gênero televisivo reserve algum espaço para assuntos polêmicos, machismo e feminismo, juntos, apareceram em 7,5% dos segmentos como tema principal. Outros temas que se destacaram foram: cultura (12,5%), trabalho (9%) e consumo (8,5%).

A tabela 3 (abaixo) nos permite observar a categoria dos protagonistas em relação ao tema principal manifestado nos segmentos.



Tabela 3 – Protagonista (sexo e cor) x tema principal<sup>8</sup>

Protago Nista	Tema Principal										To tal
	quest. racial	sexua lidade	Mach ismo	Femi Nism o	Desi Guald	con sumo	Cul tura	traba lho	Felici dade	Afeti vidad e	
mulher preta	1	13	5	1	8	7	6	11	3	41	96
homem preto	4	6	5	1	0	2	5	3	1	14	41
mulher branca	10	8	2	6	3	14	28	7	6	63	147
homem branco	4	0	5	2	2	7	11	3	1	12	47
mulher parda	6	22	3	4	3	9	7	17	5	30	106
Total	25	49	20	14	16	39	57	41	16	160	437

Fonte: Grupo de pesquisa ‘Midiaculturas’ - UFPR

Alguns números merecem destaque. Mulheres brancas protagonizam a maior parte das cenas de afetividade, seguidas de mulheres pretas e das mulheres pardas. Novamente, mulheres negras superam as brancas. Mas, quando o tema principal é cultura o protagonismo das mulheres negras não se repete, ou seja, mesmo a soma da frequência de pretas e pardas (13) não atinge a metade da presença das brancas (28). No protagonismo do tema consumo as mulheres brancas também estão à frente. Quando o assunto principal é a sexualidade a situação se inverte, as mulheres brancas, com 8 de índice, não protagonizaram mais segmentos do que as pretas (13) e, tampouco, em relação às pardas, essas lideraram o protagonismo neste tipo de cena com frequência 22. Cenário muito parecido se revela quando o tema é o trabalho, mulheres pardas e pretas suplantam com boa vantagem as mulheres brancas e outros grupos. Outros números importantes dizem respeito ao protagonismo quando o tema principal é ‘questão racial’, mesmo neste caso as mulheres brancas estão à frente e nem a soma das frequências de pretas e pardas reverte essa situação. Confrontando brancos e negros, neste caso, o quadro não muda. Esses dados são significativos e serão muito úteis para iluminar a análise qualitativa, mais adiante. Parece legítimo desconfiar que se reproduz a linha discursiva que reserva à mulher negra papel principal na sexualidade e no trabalho,

<sup>8</sup> Alguns temas que apareceram com frequências menores do que 10 foram suprimidos da tabela, são eles: violência de gênero, violência outra, LGBTT, identidade e cidadania. O tema desigualdade social se juntou ao tema desigualdade espacial.

concebendo às brancas áreas como cultura e consumo. Mas, vamos aguardar outros dados quanti e qualitativos para tecer conclusões.

Quanto ao viés que predominou no tratamento dos temas, 78,3% dos segmentos tiveram a classificação de neutros, enquanto em 9% o enfoque foi crítico ou contestador. Entretanto 7% das cenas tiveram conteúdo pejorativo ou reprodutor de preconceito e em 5,7% dos casos o tom adotado foi conservador ou liberal. O predomínio da neutralidade nos quadros temáticos aponta, mais uma vez, para o caráter de entretenimento próprio deste gênero. Entretanto, o seriado também reservou espaço para polêmicas. A tabela 4 (abaixo) permite uma melhor visualização dos vieses mais frequentes dos principais temas.

Tabela 4 – Tema principal x viés<sup>9</sup>

TEMA	NEUTRO	PROGRESSISTA	CONSERVADOR	PEJORATIVO	TOTAL
Questão racial	13	6	1	5	25
Sexualidade	38	3	4	4	49
Machismo	6	6	4	4	20
Feminismo	9	2	0	3	14
Desigualdade	10	3	0	3	16
Consumo	35	1	1	2	39
Cultura	49	3	2	3	57
Trabalho	40	1	0	0	41
Felicidade	11	3	2	0	16
Afetividade	130	10	12	8	160
Total	341	38	26	32	437

Fonte: Grupo de pesquisa ‘Midiaculturas’ - UFPR

Se somarmos as frequências das colunas ‘conservador’ e ‘pejorativo’ é correto considerar, no que diz respeito aos dados quantitativos, que o viés ‘progressista’ levou desvantagem. De todo modo, esse viés se fez presente. Na questão racial, por exemplo, ocorre uma divisão entre o tom progressista, leia-se contestador, e as abordagens conservadoras e pejorativas. Mas, estes dados isolados podem gerar interpretações equivocadas, pois, a presença do viés pejorativo ou conservador em boa parte dos segmentos não indica se este tom predominou no conjunto da obra. A tabela 5, a seguir, ajuda a desfazer equívocos ao cruzar o viés dado aos temas com a presença de conflito.

Tabela 5 – Viés x Conflito

VIÉS	CONFLITO
------	----------

<sup>9</sup> Usamos viés progressista quando é manifesto um tom crítico ou contestador do *status quo*, das desigualdades ou da hegemonia. O viés conservador é identificado quando é manifesto o tom liberal, reprodutor dos padrões vigentes, da moralidade tradicional, da ordem e dos costumes. O viés pejorativo denota o tom reprodutor dos preconceitos, do racismo, do machismo, da homofobia etc. Usamos o viés neutro quando o tom mais saliente é o descritivo. Os temas com frequência menor do que 10 foram suprimidos. Os temas desigualdade social e espacial foram reunidos como ‘desigualdade’.

	não se aplica	Sim	não	total
neutro	308	50	0	358
Progressista	19	21	1	41
Conservador	9	17	0	26
Pejorativo	9	23	0	32
total	345	111	1	457

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

É interessante notar que em grande parte dos segmentos onde o tom pejorativo apareceu aconteceu o conflito, ou seja, ocorreu a contestação em algum grau em 71,8% dos casos. O mesmo se aplica ao viés conservador, em 65,4% dos casos o conflito esteve presente. Aliás, situações de conflito foram encontradas em 24% dos segmentos e a tabela 6, abaixo, indica qual personagem levou vantagem segundo a cor e o sexo.

Tabela 6 – Predomínio no conflito (sexo e cor)

PREDOMÍNIO		
Personagem (cor e sexo)	Frequência	Porcentagem
Sem predomínio	374	81,8
Mulher preta	19	4,2
Homem preto	12	2,6
Mulher branca	28	6,1
Homem branco	6	1,3
Mulher parda	17	3,7
Homem pardo	1	0,2
Total	457	100

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Os dados indicam que na maioria esmagadora dos casos de conflito (81,8%) não houve vantagem de nenhum dos personagens envolvidos. Para os casos em que ocorreu predomínio repete-se o cenário do protagonismo (tabela 1), mulheres negras estão à frente dos demais com o índice de 7,9%. Entretanto, se considerarmos a divisão entre pardas e pretas, as mulheres brancas levam vantagem em relação às outras categorias com o índice de 6,1%. Cabe o registro que aqui ocorreu uma inversão em relação ao tema do protagonismo, ou seja, mulheres pretas levaram mais vantagem nas disputas do que as mulheres pardas, ainda que a diferença seja pequena.

Fechando a dimensão quantitativa da análise convém olhar como os grupos de personagens se comportam em relação ao viés dado aos temas. Esta informação está na tabela 7, abaixo.

Tabela 7 – Viés x Protagonista (sexo e cor).

VIÉS	PROTAGONISTA					
	mulher preta	homem preto	mulher branca	homem branco	mulher parda	total
neutro	81	28	113	45	91	358
progressista	12	4	13	3	9	41

conservador	4	5	12	2	3	26
pejorativo	6	4	12	2	8	32
Total	103	41	150	52	111	457

Fonte: Grupo de pesquisa 'Midiaculturas' - UFPR

Apesar de a mulher branca ser a principal protagonista, conforme vimos anteriormente, ela divide a hegemonia do viés progressista com a mulher preta, um pouco atrás vem o grupo mulher parda, ou seja, neste caso é nítido o protagonismo das negras com a frequência de 21 contra 13 das brancas. Quanto ao viés conservador o protagonismo está com as mulheres brancas e mesmo a soma da frequência de pretas e pardas não as alcança. O mesmo não pode ser dito com relação ao viés pejorativo, as mulheres brancas têm o predomínio, seguidas pelas pardas, mas, mulheres negras juntas ultrapassam a hegemonia das brancas neste quesito. Isso pode indicar a presença de uma linha discursiva que distribui democraticamente a responsabilidade pelos preconceitos sociais, algo a ser confirmado pela análise qualitativa a seguir.

##### 5. 'SEXO E AS NEGAS': DISPUTAS DISCURSIVAS E CONTROVÉRSIAS.

O próprio título da série denota a mobilização de uma linha discursiva marcada pelo estereótipo remetendo o receptor à associação entre a mulher negra e a sexualidade nos termos de uma herança racista. Mas, o nome da obra também revela uma tensão, pois, a explícita referência ao seriado americano 'Sex and the City' aponta para a vontade de resignificar este quadro reconhecendo e festejando a participação de mulheres negras da periferia na experiência urbana e 'moderna' da sexualidade feminina relativamente autônoma. Nosso referencial valoriza essas ambiguidades e tensões presentes no desempenho midiático.

A série em tela mistura diferentes temáticas ao abordar o cotidiano de quadro mulheres negras da periferia do Rio de Janeiro. Paralela à temática central, a vida amorosa das protagonistas, emergem referências às dificuldades vividas pelas classes populares frente às carências e desigualdades sociais. Ao mesmo tempo o programa expõe a luta diária dessas pessoas no novo contexto brasileiro, ainda presente em 2014, que possibilitava sonhar com ascensão social e com o acesso a bens materiais e simbólicos antes bastante restritos.

Uma das análises interessantes sobre 'Sexo e as Negas' foi elaborada por Luis Augusto Campos (2014), ele aponta a ambiguidade latente ao projeto de Falabella, pois, a intenção do autor era mobilizar um olhar feminista, dando voz e visibilidade a mulheres

negras que costumam ocupar posições subalternas na dramaturgia televisiva. Contudo, segundo Campos, o erro que gera a tensão está em dissociar a questão de gênero da questão racial e de classe, assim, o que poderia ser visto como valorização da autonomia sexual feminina da periferia urbana, se as protagonistas fossem brancas, aparece como reforço do preconceito, pois, sendo negras e pobres as atrizes carregam consigo a marca discursiva da ‘mulata hiper-sexualizada’ disponível aos desejos dos homens brancos da elite. Ao que nos parece, a tensão está em desnaturalizar a sexualidade da mulher submissa, mas, retomando a figura subalterna e cristalizada na sociedade brasileira da ‘mulata sensual’: amante, poligâmica e passiva diante da violência machista. O seriado americano, no entender de Campos, procurou atacar o estereótipo da mulher branca, qual seja: monogamia e frigidez, representações que serviram à normalização do comportamento sexual deste grupo de mulheres ‘boas para casar’. Erro de agenda, portanto, a adaptação aos padrões brasileiros teria pecado ao colocar nas mãos, ou no corpo, de personagens tão distantes e diferentes uma bandeira de mulheres brancas norte americanas, para elas, seria até plausível pensar a emancipação como exercício relativamente autônomo da sexualidade; ao passo que para as afrodescendentes brasileiras, estereotipadas como ‘boas de cama’, a representação da resistência seria mais complexa. Augusto Campos tem uma percepção sofisticada da questão, sem dúvida. Mas, teria sido um erro do autor a confusão dessas pautas: feminista e racalista? Ou o tipo de interação que se estabelece entre mídia e sociedade é mais explicativo sobre as tensões que envolvem o seriado sob análise? Ao que parece os produtos ‘midia culturais’ não têm como alvo os extremos, tanto ao absorver tendências e comportamentos quanto ao proporem seus quadros interpretativos. Sendo assim, a série dialoga com as mulheres negras que experimentam a sexualidade relativamente autônoma sem preocupação em acertar as contas com a herança da ‘mulata hiper-sexualizada’, como se as injustiças do passado não devessem servir de barreira para a experiência da ‘felicidade’ coletiva. Neste sentido, é interessante investigar como a disputa discursiva, que é uma disputa por identidade, se faz pela apropriação e ressignificação de narrativas, inclusive explorando brechas e mesclando sentidos. O deslocamento da questão de gênero presente no seriado americano para o contexto de mulheres negras pode ser visto como mais estratégia nas disputas discursivas atuais.

A série se propõe a tratar a vida amorosa de quatro mulheres negras que moram na Cidade Alta de Cordovil. Matilde da Silva, a Tilde, vive de trabalhos esporádicos,

principalmente como garçoneiro em recepções. Soraia Sousa é cozinheira. Zulma dos Santos trabalha como camareira no teatro. Lia também não tem trabalho fixo. Tilde vive um longo e complicado namoro com Vinagre, um rapaz branco, ele a pressiona para que se casem e ela resiste. Soraia se sente feliz em exercer livremente sua sexualidade. Zulma vive num impasse entre seus relacionamentos amorosos e o desejo do pai de que ela case. Lia é separada, tem uma filha e uma neta, seu ex-marido, um homem branco, é o traficante com grande poder na comunidade, ela luta para refazer sua vida afetiva. Em nossa análise convenciamos que Lia e Zulma são pretas, enquanto Tilde e Soraia são pardas.

Embora a série se proponha a retratar a vida das quatro mulheres negras, são dois personagens brancos que narram a história. A voz do autor Miguel Falabella aparece no início dos episódios introduzindo temas. No primeiro episódio da série ele relata a história da fundação da comunidade. No centro narrativo deste ‘mito fundador’ está outra personagem branca, Jesuína, mulher de meia idade. Ela é neta do fundador da Cidade Alta de Cordovil e tem um programa na rádio comunitária. Jesuína faz parceria com Falabella na tarefa de introduzir temas e linhas discursivas. Ela também é proprietária de um bar, espaço central na série, onde muitas conversas e eventos acontecem. Jesuína vive um caso com um moço negro mais jovem, o Big.

Uma cena do primeiro episódio chama a atenção. Uma das protagonistas, a Zulma, é autorizada pela patroa, a atriz Leonor, a usar sua joia, uma pulseira. Mas, ao demonstrar receio de ser roubada a patroa lhe diz que ninguém vai acreditar que aquela peça é uma joia estando no braço dela, fica subentendido que a descrença estaria associada ao fato de Zulma ser negra e pobre. A cena gerou controvérsia nas redes sociais. O discurso mobilizado é o da discriminação racial associada à desigualdade social; soma-se ainda a intimidade entre patroa e empregada que remete ao caráter que sobressai no racismo brasileiro, qual seja: as situações de proximidade que ofuscam a hierarquia; um dos efeitos nocivos do mito da ‘democracia racial’. Mas, diferente da cena da novela ‘Pátria Minha’ retratada mais acima, a interlocutora da mulher negra faz referência ao preconceito social e utiliza dele como artimanha para que a empregada possa usar a joia sem risco de ser roubada, trata-se de uma pequena resistência, uma ‘bricolage’ (CERTEAU, 1994) que faz as duas cúmplices num gesto que pode ser lido

mais como de solidariedade política do que na chave da solidariedade tradicional<sup>10</sup>. O conteúdo, a bem da verdade, mescla a linha do racismo que constrange, pois, a cor da pele atestaria a subalternidade aos olhos preconceituosos da sociedade e operaria como salvo conduto para o uso dissimulado da joia; com a narrativa que explicita a discriminação, pois, a cena não dissimula o racismo, ao contrário aponta seu laço com a desigualdade. Entre o drama e a comédia é apresentada uma solução parcial, provisória e partilhada entre patroa e empregada; Zulma participa, em algum grau, da artimanha.

Considero elucidativo, também, acompanhar os agentes envolvidos na controvérsia para pensar sobre o que ela revela sobre as disputas discursivas na atualidade e a propósito da relação entre mídia e sociedade. Abaixo um depoimento interessante:

Vejo que o Miguel Falabella está interessado em vender seu produto, não tem noção de quanto isto é péssimo para a reputação das mulheres negras que são vistas como símbolo de orgia. Não é isso que nós negros esperamos de um ator que diz saber o quanto o negro no Brasil passa por dificuldades profissionais. Agora cabe ao negro dar a resposta ao Miguel Falabella. (CRF, homem, negro, comentário feito ao blog Correio do Estado, em 12/9/2014).

O comentário acima aponta para o peso da linha discursiva presente na sociedade, assim como, na própria mídia. Mas, a mídia por suas características não pode apenas repetir o instituído, a busca pela audiência, enfim, a concorrência exige atenção às transformações na sociedade e no próprio campo televisivo. Antes de prosseguir vejamos outro comentário:

Sobre o seriado da Globo que começou esta semana ‘Sexo e as Negas’ com certeza não representa a maioria das mulheres negras do Brasil. Se não assistíssemos não teria audiência, por outro lado, se não assistirmos não conseguiremos fazer a crítica. Mas em que momento a Globo nos representa? Em nada! Deixamos de ser empregadas domésticas para ser objeto sexual. (V.P., mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog ‘oneirophanta’, em 17/9/2014).

Além de tocar no dilema da ‘censura’ ou do boicote ao programa, a mulher que tece esse comentário aponta para a luta pela ‘representação’ como um dos elementos centrais da relação entre mídia e sociedade. A representação, o reconhecimento, individual e coletivo, passa pela comunicação que hoje se faz, em grande medida, de forma mediada. Mas, até que ponto o dispositivo midiático, no caso do programa em tela,

---

<sup>10</sup> A ‘solidariedade tradicional’, também nomeada como dádiva, opera na chave do favor, em geral, na esfera privada, entre indivíduos numa relação hierárquica que é reforçada. Trata-se de uma ação que solicita contrapartida na forma da gratidão e da fidelidade. Ao contrário, a ‘solidariedade política’ ocorre na esfera pública, entre indivíduos que se colocam na condição de igualdade; não solicita contrapartida, procura por fim às hierarquias, opera, portanto, na chave do direito.

procura representar agentes e situações em transformação, mais até do que atualizar um passado?

Achei sua análise muito precisa. Assisti o primeiro capítulo e compartilho com muitas das suas impressões. Só fico preocupada com a leitura de ‘estereótipo de mulher negra’. Fico preocupada porque se esse argumento não for construído de maneira cuidadosa, ao invés de explicitar e criticar a cristalização de um papel social como única possibilidade para as mulheres negras na mídia, acabamos por chamar essas mulheres – camareiras, terceirizadas, passistas de escola de samba – de caricaturas. Essa tem sido inclusive a arma da maior parte das pessoas negras que se pronunciaram a favor da série e contra os negros que a criticam. Ainda no que tange ao cuidado que devemos ter pra construir essa crítica, acho que devemos nos atentar para não ofender mais uma vez a essas mulheres ao tratar da natureza das funções que elas exercem. Acho que após pegar algumas horas de condução pra limpar uma casa cheia de luxos que ela nunca poderá ter, de ser tratada pelos patrões como se fosse ignorante por exercer essa função, ganhar muito menos do que seu trabalho vale e ter de repeti-lo ao chegar em sua própria casa, a última coisa que essa mulher precisa ouvir é que ela exerce uma função subserviente. Nesse sentido, retomar as relações que ele tem com o trabalho das mucamas é pertinente, mas acho também que deve-se ter cuidado pra não abrir precedente para leituras que constatem que nada mudou desde então e além disso, que essas mulheres não vem lutando pra que isso mude. Eu digo isso porque eu sou uma mulher negra que escreve de um quarto de moradia estudantil, numa universidade pública. E quem me descortinou essa possibilidade foi minha mãe, empregada doméstica – hoje cuidadora – e falante de espanhol, estudante de alemão e filosofia” (C., mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog ‘oneirophanta’, em 17/9/2014).

O pronunciamento desta mulher indica que as ambiguidades não envolvem só a representação midiática, mas, também a crítica a ela. Do seu ponto de vista muitas mulheres negras não se vêm representadas nas falas que desqualificam o conteúdo do programa, pois, este ato também rebaixa seus próprios papéis sociais. O programa ‘Sexo e as Negas’ apresenta papéis sociais de pessoas em situações subalternas, buscando ser verossímil, plausível, mas, a crítica se funda na percepção de que esta realidade representada está invertida. Qual o critério para este julgamento? O ideal de justiça e democracia. Mas, a crítica à representação desses papéis e situações subalternas não significa mais um bloqueio, mais uma barreira para esses sujeitos? A fala apreende bem as transformações pelas quais passa nossa sociedade, pessoas que antes tinham poucas expectativas em papéis subalternos passaram a experimentar a possibilidade de sonhar com trajetórias de ascensão social, o que também está contemplado na série. A isto se soma o objetivo de paródia do programa, ou seja, de atualizar o tema da sexualidade relativamente autônoma de mulheres do meio urbano ambientado, agora, na periferia de



uma grande cidade brasileira e tendo como protagonistas mulheres negras. Parece ser uma experiência de defesa do reconhecimento deste grupo que luta contra a subalternidade e, ao mesmo tempo, a reivindicação, enquanto mídia, de legitimidade da demanda de ser seu representante nas novas práticas ambíguas que a ele se abrem.

Não assisti Sex and the City porque era fraquinho e do mesmo modo não assistirei O Sexo e as Negras. Os dois são uma boxta (sic), passatempo água com açúcar. Agora, usar racismo como desculpa? Faz favor! Negras tb fazem sexo e podem escolher qual e quantos parceiros querem. Garanto a vcs, se fosse O Sexo e as Branca teriam batido recorde de ibope no horário, independente de se passar no morro ou na Zona Sul. Mas, os racistas enrustidos e os negros de casa grande estão aí pra ser do contra... Como nasci com alma de negra de senzala e sempre foi assim que me portei, me ofendo muito mais com os negros babacas de Manoel Carlos<sup>11</sup>, sempre servis e compreensivos do que com essas 4 moças que vivem como muitas (negras, brancas, amarelas, roxas, cor de rosa etc) que encontramos par aí. (C2, mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog 'oneirophanta', em 17/9/2014).

A mulher do comentário acima tece dura crítica ao que ela denomina 'negros de casa grande', aqueles que questionam o comportamento de outros afrodescendentes, ou seja, ao que parece ela questiona a própria reivindicação de representante do comportamento legítimo de alguns sobre outros. Ela considera, também, que a novidade do programa é conceder às personagens negras a legitimidade da experiência da sexualidade volátil, dos encontros casuais, com suas consequências, alegres, mas, também angustiantes e marcadas por incertezas; perpassados, entretanto, pela sensação de não subalternidade. O dispositivo midiático parece se apropriar desta reivindicação dos contra-públicos de vivenciar a experiência da 'felicidade' das celebridades, como já alertava Edgard Morin (2011), o que já é uma mudança, pois contraria as mentes mais conservadoras e as práticas moralistas, mas, ao mesmo tempo significa instituir uma nova legitimidade, uma nova justificativa para comportamentos normalizados: 'conquistamos o direito a vivenciar as experiências antes bloqueadas'. Percebe-se aí o paradoxo, a ambiguidade que marca a mídia de massa. Não surpreende, portanto, percepções tão contraditórias entre si por parte dos receptores do programa.

Uma mulher não é objeto sexual quando é ela que tem plena autonomia sobre sua sexualidade e total agência diante da sua vida afetiva e sexual, que é como a série parece retratar as mulheres (negras, no caso). É no mínimo muito conservadorismo, beirando a carolice<sup>12</sup>, achar que o fato de serem mulheres "liberadas" e em busca ativa da satisfação sexual e afetiva as torna "objetos

---

<sup>11</sup> Autor de telenovelas da Rede Globo de Televisão.

<sup>12</sup> Carolice: Atitude carola, de quem é beato, frequentador de igreja; apaixonado por uma ideia ou religião.

sexuais", que é/era algo nítido em sociedades patriarcais onde os homens é que "usam e abusam" da mulata ou negra numa clara posição dominante do homem sobre ela. (YCS, homem branco, comentário ao artigo de Nirlando Beirão, no site da revista e Carta Capital, em 13/10/2014).

#### Outro depoimento ilustrativo da controvérsia:

Juro que não entendo todo esse bafafa. Pra mim parece que as negras bem sucedidas querem mais é que as negras que não tiveram a mesma sorte que elas se fodam. Desculpe o palavreado, mas é o que parece. Tipo, foda-se que a maioria das negras, infelizmente, ainda viva uma condição subalterna, eu consegui vencer na vida e quero me ver representada. Pra que? Todas as blogueiras negras que vejo tem uma baita história de superação, uma carreira acadêmica, um baita conhecimento e consciência. Já sabem tudo que conseguiram, todo seu potencial. Por que então não deixar que jovens negras, que talvez ainda não tenham tido a oportunidade de ter essa visão e ampliar seus conhecimentos se vejam reconhecidas? Porque afinal, ninguém das que reclamam vê Globo, gosta da Globo ou qualquer coisa assim. Então porque não deixar que as negras que, infelizmente, ainda trabalham em condições subalternas às patroas brancas não se vejam representadas? Antes de todo esse bafafa, na minha santa ignorância, tinha achado empoderador, mostrar pras jovens negras das comunidades que o corpo é delas, que elas tem (sic) todo o direito de transarem com quem quiserem. Afinal, se as jovens brancas lutam por isso, por que as negras também não podem? Tenho certeza que se ao invés de negras, as protagonistas fossem quatro brancas seria o máximo, finalmente mostrando mulheres livres sexualmente e daí o mimimi<sup>13</sup> seria por representar apenas mulheres brancas fazendo isso e não mulheres negras, como se as negras também não fizessem isso. E outra coisa que me incomoda é que muito se fala que branco não pode falar sobre negro, que você só pode falar sobre o que é. Então, por que reclamam tanto da falta de negros, homossexuais, cadeirantes, cegos e trans nas novelas/filmes/etc? Afinal, pela lógica, só pessoas assim poderiam escrever peças sobre este tema. Não me parece lógico. (B, mulher, comentário ao artigo de Charô Nunes, no blog 'oneirophanta', em 20/9/2014).

O depoimento desta mulher é bastante elucidativo. Ela começa explicitando uma percepção de hierarquia entre afrodescendentes e a tensão presente na atitude, talvez, elitista de determinar ao outro o tipo de experiência considerada legítima ou eficiente em termos políticos. O paradoxo está em criticar a dominação e prescrever limites às práticas do outro, ou seja, erguer barreiras à autonomia. Ela parece perceber que o desafio é criticar os dispositivos de sujeição sem criar novos discursos que contribuam com a normalização dos comportamentos.

O quinto episódio do seriado é ilustrativo sobre as tensões que ele engendra. O título é representativo: 'Puro Preconceito'. Na principal cena do episódio as quatro protagonistas entram numa loja chique. Quando elas já estavam de saída Soraia flerta com um dos dois seguranças que são negros. Um deles acusa elas de furtarem o vestido

---

<sup>13</sup> Falatório.

que levaram para o provador. Tilde se enfurece e chama os seguranças de capitães do mato. Diante da surpresa das amigas ela explica que este personagem negro do passado trabalhava para os senhores de escravos perseguindo e capturando os negros que fugiam. Elas chamam a polícia e o caso acaba na delegacia. Leonor, a atriz branca para quem Zulma trabalha, foi até a delegacia prestar apoio às protagonistas. A cena tem o tom de denúncia contra o que foi chamado de ‘preconceito’ e não diretamente de racismo. Na sequência da cena aparecem depoimentos de vários personagens, negros, mas, também brancos, denunciando diferentes tipos de preconceitos que já sofreram. Um rapaz negro, por exemplo, diz que sofre preconceito manifesto na brincadeira dos amigos, pelo fato de ele gostar de mulheres mais velhas. Algumas controvérsias ficam explícitas na cena: o preconceito racial é denunciado, mas, como em outros momentos da série, a ação é levada a efeito por personagens que também são negros, ou seja, é atenuado o preconceito enquanto relação de poder de brancos sobre negros. Neste sentido é reforçado o discurso da democracia racial, até mesmo o preconceito seria distribuído igualmente. No mesmo sentido vai outro conteúdo importante da cena: a sequência, feita com diferentes depoimentos, faz uma equivalência entre o preconceito racial e outros tipos de preconceito menos importantes e também dá ao problema um caráter individual; seriam pessoas preconceituosas que dariam vazão a este sentimento prejudicando outros indivíduos por diferentes motivos equivalentes entre si.

Mas existe outro elemento importante e recorrente que aparece no desenrolar desta trama. O segurança que fez a acusação preconceituosa procura Soraya para se desculpar e eles acabam transando. Ou seja, o discurso se organiza da seguinte forma, o preconceito racial, cujo agente é individual e pode ser de qualquer cor, é equivalente a outros preconceitos, mas, pode ser suplantado pela sexualidade. Vivenciar com igualdade a autonomia sexual seria o caminho para igualdade racial. O discurso da democracia sexual operaria articulado à linha discursiva da democracia racial. O mesmo se passa com a personagem Gaudéria, uma gaúcha que expõe ao longo da série seu preconceito de classe e racial, mas, ao final sucumbe à sexualidade de um jovem negro e acaba por se casar com ele.

A descrição do parágrafo anterior indica uma apropriação da resistência ao racismo, presente na crítica dos movimentos sociais negros à sociedade e à mídia. Entretanto, dá outro significado à crítica, primeiro ao traduzir racismo por preconceito, depois ao desarmar a denúncia contra os brancos ao enfatizar que a prática do

preconceito racial também parte dos negros contra outros negros e, finalmente, ao enquadrar o tema na esfera das relações individuais e solucioná-lo pela via da sexualidade.

Não é fácil apreender este jogo tenso operado pela mídia onde, de um lado, se oferece a diferentes grupos a oportunidade de transgredir padrões tradicionais, arraigados, e por outro se normaliza comportamentos, por exemplo, disseminando a mesma concepção de felicidade como experiência massificada. A hipótese mais interessante sugere que as práticas de poder que envolvem o dispositivo midiático não operam de forma deliberada ou pela via da manipulação com o objetivo oculto de reproduzir o instituído, neste caso, recolocando o racismo tradicional. As características da mídia de massa apontam para a tensão de procedimentos que procuram interessar a todos, interpelar o maior número possível de pessoas, o que significa atentar para as inovações e transgressões presentes no mundo social, buscando incorporá-las. Mas, trata-se de um procedimento que oferece riscos, pois, não há um pleno domínio dos resultados. A absorção das críticas implica em reconhecimento indesejado do outro, das suas falas e procedimentos criativos. Não por acaso a mídia se depara com problemas de poder, apresenta proposições aos diferentes grupos, arrisca, erra aqui e acerta ali, em geral diverte muitos e desagrada alguns, aqueles que estão nos extremos seja do espectro político ou de gosto.

As controvérsias geradas pelo conteúdo da série ‘Sexo e as Negras’ refletem o contexto atual da sociedade brasileira que se encontra bastante dividida politicamente, com pouca permeabilidade para concessões e transigências. Muito diferente do cenário que marcou a polêmica da novela ‘Pátria Minha’, relatada acima, quando a crítica do movimento negro gerou negociação e atendimento da demanda por parte da mídia.

## REFERÊNCIAS

- ALAKIJA, A. “Mídia e identidade negra”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: ABPN, pp. 106-151, 2012.
- ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: SENAC, 2000.
- BORGES, R. da S. “Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negras”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 178-203, 2012.

- CAMPOS, L. A. As “negas” in the city? **Paroxismo de uma importação dramática**, *O blog do Démodé*, Disponível em <http://grupo-demode.tumblr.com/post/104405795722/as-negas-in-the-city-paroxismo-de-uma> , [consultado em 5-12-2014], 2014.
- CAMPOS, L. A.; CANDIDO, M. R. & FERES Jr, J. **Infográfico – Raça e Gênero nas Novelas dos Últimos 20 anos**. Gemaa – Grupos de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa – IESP (Instituto de Estudos Sociais e Políticos) e UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Disponível em: <http://gemaa.iesp.uerj.br/publicacoes/infografico/infografico3.html> [consultado em 10/5/2016], (S/D).
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COSTA, K. R. B. “De quando a pluralidade revela a invisibilidade”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.), **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 40-63, 2012.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.
- FERRO, R. “O negro sem cor no telejornalismo brasileiro”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 64-83, 2012.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1979.
- FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51ª Ed. rev. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GUIMARÃES, A. S. A. “A questão racial na política brasileira: os últimos quinze anos”. **Revista Tempo Social**. São Paulo: USP, 2001.
- HAMBURGUER, E. I. “A ‘expansão’ do feminino no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80”. **Revista Estudos Feministas**. V. 15, nº 1. Florianópolis, jan-abril, 2007.
- KAMEL, Ali. **Não somos racistas: Uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- MACHADO, S. P. “Mídia, Infância e negritude: Cidadania e afrodescendentes no Brasil”. In: R. C. Borges, R. S. Borges (eds.). **Mídia e Racismo**, Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF : ABPN, pp. 206-244, 2012.
- MACÉ, É. **Les imaginaires médiatiques: une sociologie postcritique des médias**. Paris : Éditions Amsterdam, 2006.
- MAIGRET, É. **Sociologia da comunicação e das mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2010.
- MORIN, E. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo 1: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PORTO, M. P. **Media Power and Democratization in Brazil: TV Globo and the Dilemmas of Political Accountability**. New York/London: Routledge, 2012.
- REIS, F. W. Democracia, igualdade e identidade. In: PERISSINOTTO, R. e FUKS, M. **Democracia: teoria e prática**. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Fundação. 2002.
- RIOS, F. “O protesto negro no Brasil contemporâneo (1978-2010)”, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n85/a03n85.pdf>. Acessado em 02/3/2016.
- SODRÉ, M. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis, Vozes. 1999.

SOUZA, J. “Raça ou Classe? Sobre a Desigualdade Brasileira”. **Lua Nova - Revista de Cultura e Política**. N. 65. São Paulo: CEDEC, 2005.

SOUZA, N. R. “Repensando a Mídia e a Cultura: novos olhares sociológicos”. In: Ribeiro, R. (Org.) **Jovens, Consumo e Convergência Midiática**. Curitiba: Editora UFPR, 2016 (no prelo).

### **DOCUMENTOS**

ARAÚJO, J. Z. **A negação do Brasil**. São Paulo, Rio de Janeiro. Documentário em vídeo, 2000.

NOTAS TAQUIGRÁFICAS DA AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE ACÃO AFIRMATIVA STF. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verTexto.asp?servico=processoAudienciaPublicaAcaoAfirmativa>>. Acesso em: 20 de julho 2014.